

MONTANHAS AZUIS + CONVIDADOS

CASA DE NATAL

20 DEZ 2019
SEX 21:00
Grande Auditório
M/6

CASA NA MONTANHA

Quando falámos a meio deste ano, tão pouco tempo depois da vossa apresentação na Culturgest e da edição do álbum na Revolve, fiquei surpreendido que os concertos que tinham dado entretanto tivessem gerado tantos temas novos. Como é que foram aparecendo as novas músicas desde que saiu o disco?

Depois do concerto de fevereiro percebemos que tínhamos datas marcadas em salas ou contextos muito interessantes – como o Festival Músicas do Mundo em Sines ou o Curtas em Vila do Conde – e a pica foi tão grande depois da vinda à Culturgest no início do ano que ficámos logo a pensar em voltar a fazer música, regressar aos ensaios e começar a preparar material novo. Não imediatamente, claro, mas começámos a olhar para o futuro depois de tanto tempo à volta da Ilha de Plástico. E os temas foram aparecendo. Eu tenho aquele...problema... que não é um problema, obviamente [risos], que é ter sempre música a sair de mim, que ou está na gaveta, ou está quase pronta a mostrar e a ser concretizada. Para a Casa de Natal, há também música feita depois do convite, imbuída ligeiramente pelo espírito deste encontro. Não diria totalmente natalício, mas há algo que nos sugestionou e que sugestiona a música.

Eras o autor de grande parte dos temas de Montanhas Azuis. O facto de começarem a tocar fez com que a autoria se abrisse ao Norberto – o concerto de fevereiro aqui mostrou alguns temas dele. Isso voltou a acontecer ou a tua gaveta está mesmo cheia e continuou a dominar?

A gaveta continuou a dominar, sim. Porque, até à data, o Bruno ainda não tem sido autor nas Montanhas. Não é que esteja decidido não o ser. Tem sido tudo muito orgânico entre nós. Mas acho que, pouco a pouco, ele vai querer ter temas dele e isso vai ser ótimo. O Norberto, mesmo que faça menos em Montanhas, faz

sempre algo muito especial, como a Sururu, que é o único tema dele na Ilha de Plástico – no concerto de fevereiro houve outros dois dele. E sinceramente, não sabendo se é o que gosto mais ou não, é o tema mais especial do álbum. Talvez por ser um admirador dele, conhecer muito bem a qualidade da sua música e da extensão da sua criatividade. A música do Norberto vai direto ao cerne da alma. Mas ele fica muito entusiasmado com muitas das músicas que eu lhe mostro e isso deixa-me muito seguro, porque ele é uma referência-chave para mim. Se ele não gostar das minhas propostas, nem volto a insistir e vou melhorar o que tenho. Ele é muito exigente e isso é mesmo uma grande segurança para mim: está sempre pronto para ouvir música e nunca se precipita nas suas opiniões.

Mas sentiste a liderança que tinhas no projeto a alterar-se com esta vida após o álbum, por estarem a tocar mais e a pensar agora em trio para este segundo concerto na Culturgest?

Acho que se mantém um pouco, mas é verdade que, entretanto, as decisões do grupo, em grupo, são cada vez mais fortes. E, de facto, participamos todos mais em conjunto por estarmos mais tempo juntos. Depois, a liberdade de escolha do som ou timbre que cada um quer usar é completamente pessoal. Há espaço para tudo: para liderar, para funcionarmos em trio e para termos o nosso caminho pessoal dentro do projeto.

O Natal surge aqui como uma brincadeira de calendário. É um concerto que está próximo do Natal e começámos a falar um pouco nesta ideia de criar algo especial junto de uma altura do ano que também é muito particular. Discutimos que pudesse ser algo meramente decorativo e deixarmo-nos influenciar: para muitos de nós, o Natal não é muito mais que isso. Portanto, brincámos com as fotos, com a ideia de se criar algo cenográfico para o palco. Isto também mexeu com a música e os arranjos?

É um pouco isso tudo: não há propriamente temas natalícios, mas inevitavelmente estamos imbuídos desse espírito. E quisemos reforçar a ideia do Natal com o título, que para nós irá ser real. Porque vamos estar a habitar uma casa de Natal, com um stage plot como nós gostamos, a tocar perto uns dos outros. Como se estivéssemos a dar um concerto na nossa casa, muito caseirinho, familiar, como o Natal é para a maioria

das pessoas. A questão da decoração foi fundamental para nós. Como contexto, um enquadramento visual que nos influencia mas não nos condiciona. A música que temos para estrear esta noite e os novos arranjos podem ser plausíveis noutra efeméride qualquer. Mas na Culturgest, com o palco como está e sendo no dia 20, vai haver Natal na música.

Como foi o processo de escolha dos convidados?

Delegamos, a cada um de nós, escolher um convidado. Questionámos primeiramente qual seria a instrumentação que faria sentido acrescentar ao nosso trio de Montanhas já existente. Pensámos que era bom termos uma parte rítmica e o Bruno sugeriu o Tomás Sousa para a bateria. Então para o lugar do baixista eu lembrei-me da Ana Araújo que, para além de ser excelente pianista, também toca muito bem o baixo elétrico. O Norberto encarregou-se das vozes. Disse que era bom ter um “micro-coro”, como ele o chama. Pensámos estender para mais vozes, mas ele achou perfeito ser apenas duas. E depois chegámos até ao presépio que tem sete elementos e nós assim também somos sete. O que não quer dizer que haja correspondência entre algum de nós e as figuras [risos]. O Norberto também vai tocar baixo elétrico para além da guitarra e sintetizador, vai partilhar coisas com a Ana, eles trocam de instrumentos... Bom, dentro da casa há um movimento entre todos nós, uma coreografia de acordo com o alinhamento, partindo do pressuposto cenográfico de haver uma casa e de termos convidados. Mais uma vez a questão caseira. O Norberto foi o primeiro a sugerir que um coro podia ter um poder de sustentação importante. Uma abordagem muito coral, sem grande lead singing, nem letras, nem nada, apenas um murmúrio que aqueça a própria música e lhe confira uma qualidade, lá está, mais natalícia. Falámos muito em ter convidados solistas mas depois aconteceu este milagre de Natal: demos por nós a ter um som tão bem entrosado, entre o trio e os restantes músicos, que seria esquisito ter alguém de fora, como um estranho, a perturbar a nossa união.

Acabaram por formar uma nova banda em vez de um trio com convidados.

Sim, a integração da secção rítmica e das vozes está a mudar o som da banda para algo mais amplo e já

estamos a considerar alargar o trio para propostas de concerto que já temos para 2020. Esta oportunidade na Culturgest está a ajudar-nos a desembrulhar um novo caminho para Montanhas Azuis. Fazermos o primeiro disco foi a primeira etapa, a Casa de Natal é uma nova rampa.

Os temas novos foram pensados para o formato novo ou são temas de trio que foram ampliados para o grupo?

Depende. Muitos foram já pensados para a malta toda. É tipo meio-meio, não sei bem precisar. De qualquer modo já tínhamos alguns temas – há dois temas que já tínhamos tocado em trio e não gravámos – e pensámos que ficariam bem com secção rítmica e vozes. Foi automático. Montanhas, enquanto trio, continua a existir e esse momento também vai acontecer em palco, como um ato de recolhimento, mais íntimo.

Desembrulhadas e mostradas as prendas ao público, o que vão fazer com a música nova depois do concerto? Presumo que estejam a caminho de mais um disco ou ainda há muito a fazer?

Pois, já há um segundo disco a delinear-se. Este concerto é também uma estreia de alguma da música desse futuro álbum. Mas vamos deixar essas decisões para depois, até porque o Bruno vai gravar finalmente o novo disco dele e temos que perceber bem a sua agenda – e de outros –, e ver quando é que se pode trabalhar nisto. Eu gostaria de gravar pouco tempo depois, janeiro ou fevereiro, quase um ano depois da edição de Ilha de Plástico. A música está pronta. Mas ainda vai gerar trabalho. Gostaria que viesse cá para fora antes do verão, mas muita coisa ainda vai acontecer e essa estratégia não passa unicamente por mim ou pela banda. E agora há mais habitantes nas Montanhas Azuis.

Conversa entre Pedro Santos e Marco Franco, Dezembro 2019.



1. Casa de Natal
2. Ilha de plástico
3. Faz faz
4. Dois mirtilos e um éclair
5. Estrela da manhã
6. Sururu
7. Nuvem de porcelana
8. Mil maravilhas
9. Flor de montanha

10. Glissando de torresmo
11. Duas ilhas
12. Colinas de veludo
13. 19 acordes de Natal
14. Coral de recife
15. Marianas

SINTETIZADOR, GUITARRA ELÉTRICA,
BAIXO ELÉTRICO
Norberto Lobo
SINTETIZADOR, PIANO
Marco Franco
GUITARRA ELÉTRICA, SINTETIZADOR
Bruno Pernadas
PERCUSSÃO ELETRÔNICA
Tomás Sousa
PIANO E BAIXO ELÉTRICO
Ana Araújo
VOZ
Mariana Dionísio e Leonor Arnaud

APOIO

 ANTENA 3

NORBERTO LOBO

É um dos guitarristas com mais reconhecimento em Portugal. A sua discografia tem-se tornado essencial, algures entre uma ideia de nova folk e o jazz livre, a solo ou em colaborações regulares com músicos que o têm acompanhado durante toda a sua carreira. O seu quarteto em *Estrela* conta com Marco Franco.

MARCO FRANCO

Prepara o seu novo disco de piano a solo, com edição para 2020, depois do sucesso e surpresa de *Mudra*, com o qual pôs de lado a bateria, o seu principal instrumento durante quase toda a sua carreira musical. Fez música premiada para teatro e dança, entrou em dezenas de discos, e foi membro fundador dos Mikado Lab, onde também pertenceu Ana Araújo.

BRUNO PERNADAS

É músico, compositor, arranjador, produtor e, também, professor. Estreou-se com estrondo nos discos em nome próprio em 2014 e prepara agora o seu quarto álbum, com data prevista para 2020. Nos últimos anos, tem feito inúmeros e valiosos trabalhos para cinema, televisão, teatro e dança.

LEONOR ARNAUT

Começou os seus estudos na música clássica mas acabaria por interessar-se pelo jazz, tendo estudado no Hot Clube e na Escola Superior de Música de Lisboa. Explora a voz na música improvisada e experimental como um instrumento, integrando, por exemplo, projetos como MA ou Chão Maior.

MARIANA DIONÍSIO

Tem formação em piano clássico pelo Conservatório de Lisboa e estudou voz no curso de jazz da Escola Superior de Música de Lisboa. Trabalha com eletrónica e voz processada, explorando texto e palavra. Participa em vários projetos de improvisação livre e composição experimental.

TOMÁS SOUSA

Formou-se em *design* e trabalha em publicidade. A música acompanhou-o sempre e desde muito novo começou a tocar com bandas. É o baterista dos You Can't Win, Charlie Brown e no final de 2015 foi convidado para se juntar à formação de Minta & The Brook Trout.

ANA ARAÚJO

Concluiu o curso de piano do Conservatório de Lisboa, fez a escola no Hot Clube e no Berklee College of Music em Boston, e é mestrada em Ensino de Música. Compôs bandas sonoras para documentários e filmes, e integrou os Mikado Lab e a versão alargada dos Dead Combo.

JOSÉ ÁLVARO CORREIA

É *designer* de luz. Licenciado pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo, tem feito a criação luminotécnica para inúmeros concertos, óperas, peças de dança, teatro e exposições. É professor e coautor do *Manual Técnico para Iluminação de Espetáculos*.

HUGO VALVERDE

É técnico de som e assume posição sénior nos Estúdios Cão Andaluz. Para além do trabalho no seu estúdio é habitual vê-lo como técnico principal em inúmeros concertos. Gravou, misturou e masterizou *Ilha de Plástico* dos Montanhas Azuis.

Brevemente

JOHN ROMÃO

Teatro x

VIRGENS SUICIDAS

15-18 JAN

QUA-SEX 21:00

SÁB 19:00

Grande Auditório

M/16

MARIA REIS

Música x

**CHOVE NA SALA,
ÁGUA NOS OLHOS**

12 FEV 2020

QUA 21:00

Grande Auditório

M/6

Culturgest